

CO MU NI CA ÇÕ ES-PER FOR MAN CE

Alberto José Vieira Pacheco
CESEM | NOVA
Andrea Luísa Teixeira
CESEM | NOVA, Universidade Federal de Goiás

Os recitativos de salão:
revivendo uma prática interrompida

A declamação acompanhada de música é um fenômeno bastante conhecido no teatro do século XIX. Contudo, menos sabido é o fato de que peças musicais que fazem uso de voz falada também estavam sendo interpretadas nos salões daqueles dias. Essas composições de câmara, geralmente para piano voz, podem ser vistas atualmente na literatura especializada em canção, estando indicadas como “melodramas”. Por exemplo, no Guide de la mélodie et du Lied, organizado por Brigitte François-Sappey e Gilles Cantagrel, podemos ver vários “melodramas” citados nas listas de canções compostas por alguns compositores (FRANÇOIS-SAPPEY & CANTAGREL, 1994). Por sua vez, há alguns anos, Alberto Pacheco deparou-se com uma série de composições brasileiras e portuguesas, geralmente intituladas ou subtituladas como “recitativos”, que aparentemente tinham sido escritas para piano solo. Na verdade, a investigação foi mostrando que se tratava de canções melodrama nas quais, via de regra, o piano acompanhava a declamação de um poema ao som de uma valsa. Foi possível comprovar também que o gênero foi criado no Rio de Janeiro em meados do século XIX pelo ator português Luiz Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado Coelho (1831-1900). Esse tipo específico de canção declamada, que passou a ser indicado por Pacheco (2018) como “recitativo de salão”, tornou-se muito popular no Brasil e acabou chegando a Portugal com o mesmo sucesso, o que confirmou seu caráter fundamentalmente luso-brasileiro. Ao que tudo indica, o gênero caiu em completo desuso nas primeiras décadas do século passado.

Paralelamente à investigação documental e histórica, Pacheco e Andrea Teixeira desenvolveram uma longa experimentação interpretativa para que se alcançasse uma execução musical convincente e efetiva do repertório (PACHECO, TEIXEIRA, 2018). Os resultados foram sendo apresentados em concertos tanto no Brasil quanto em Portugal, sempre com uma ótima acolhida do público. Em 2019, o grupo Academia dos Renascidos, fundado

por esses dois intérpretes com o objetivo de dar nova voz ao repertório luso-brasileiro que se encontrava silenciado nos arquivos, lançou pelo selo do MPMP, em Portugal, o primeiro CD totalmente dedicado ao gênero. Esta comunicação-performance pretende apresentar uma seleção das canções ali registradas, refletindo sobre estratégias tomadas pelos músicos para enfrentar alguns problemas e desafios encontrados durante o processo de interpretação de um repertório cuja prática musical estava interrompida. Ficará bastante claro que seguimos o mesmo método empregado pelos intérpretes envolvidos no movimento revivalista que ficou conhecido como “early music” (HASKELL).

Bernardo Santos INET-md | Universidade de Aveiro

Preludiando sobre a obra para piano solo de Ruy Coelho

A interseção entre ideologia e arte, defendida pelo compositor Ruy Coelho (1889-1986), torna-o um caso particularmente relevante para compreender a cultura do Estado Novo. Investigar Ruy Coelho implica reconhecer o caráter polémico deste compositor, patente nos seus conhecidos diferendos com, por exemplo, Luiz de Freitas Branco (Telles 2008) e Fernando Lopes-Graça (1976). A sua postura cáustica e assumida ligação ao Estado Novo poderão constituir a principal razão da escassa receção da sua obra por intérpretes e estudiosos (Abreu 2017). Esta associação manifesta-se também através nos títulos e temáticas de obras para piano deste período, como Rainha Santa e Retábulo Português, indo ao encontro do ideário estético do Estado Novo descrito por Ó (1999). Paralelamente, denota-se uma influência de estéticas europeias distintas na obra de Ruy Coelho, possivelmente derivada dos seus estudos em Berlim e Paris (Abreu 2018). É de realçar que, relativamente estudos relacionados com a obra do compositor, existem publicações que abordam a sua obra orquestral (Abreu 2016, Azevedo 2010), para bailado (Abreu 2016; Marinho 2010) e de música de câmara (Abreu 2018), não havendo presentemente publicações dedicadas à sua obra para piano, com exceção de poucas referências, em forma de catalogação, por Harper (2013) e Hinson e Roberts (2014). Esta comunicação-performance pretende, a partir de uma pesquisa integrada dos contextos culturais, sociais, artísticos e interpretativos

relativos a Ruy Coelho, demonstrar como estes influenciaram a criação de um estilo de escrita para piano específico. Para tal, esta comunicação-performance incide sobre duas das obras de Ruy Coelho para piano solo, Três Prelúdios e Três Prelúdios Peninsulares, recorrendo a esta forma musical para expor o ecletismo de estilos na escrita de Ruy Coelho em miniaturas para piano. Pretende-se também partir do sentido lato do conceito prelúdio e utilizar esta comunicação-performance para promover a disseminação da obra para piano de Ruy Coelho, contextualizando algumas das obras mais relevantes para piano do compositor dentro dos estilos existentes nos prelúdios apresentados.

Este trabalho partirá de uma pesquisa bibliográfica e de arquivo, de forma a aferir quais os contextos de composição de Três Prelúdios e Três Prelúdios Peninsulares, intérpretes anteriores e possíveis gravações destas obras e autógrafos e manuscritos existentes. No contexto específico destas obras musicais, a discussão envolverá a apresentação integral de Três Prelúdios e Três Prelúdios Peninsulares e a sua articulação com os conteúdos de natureza musicológica identificados na pesquisa bibliográfica e de arquivo. Demonstrar-se-á ainda os vários elementos presentes na escrita de Ruy Coelho para piano, desde as texturas orquestrais aos temas reminiscetes da música tradicional portuguesa e à utilização de uma forma rapsódica nas suas peças, transversais às suas composições para piano ao longo da vida.

Com esta conferência-performance espera-se contribuir para a divulgação da obra para piano deste compositor português do século XX.